

Fato ou *fake*? O organizar das redes de *fake news* sobre a pandemia de Covid-19

Carlos Dias Chaym, Maria Amélia Silva Gondim e Fábio da Silva

RESUMO

Tão rápida quanto a propagação do SARS-CoV-2, as notícias falsas se alastram, de forma exponencial, pelo ambiente virtual, podendo ter consequências devastadoras para a economia, a política e a saúde pública, por exemplo. Este estudo se vale de uma pesquisa de inspiração netnográfica realizada em uma rede social aberta para realizar um mapeamento da rede de atores em torno de uma notícia reconhecidamente falsa sobre a cura da Covid-19. Buscamos, então, a resposta para a seguinte questão: Como ocorre o organizar das redes de *fake news* por meio de relatos sobre a covid-19? Partindo de uma postagem inicial (P1), que versa sobre uma receita sem comprovação científica acerca de um método de combate à Covid-19, mapeamos os desdobramentos da rede-de-atores humanos e não-humanos em torno da P1. Como resultado, encontramos um engajamento exponencial em torno da notícia falsa, causando uma consequência incalculável para a saúde pública.

Palavras-chave: *fake News*; covid-19; pós-verdade; teoria ator-rede.

Fact or fake? The organization of fake news networks about the Covid-19 pandemic

ABSTRACT

As fast as the spread of SARS-CoV-2, *fake news* spreads in an exponential way through the virtual environment, and can have devastating consequences for the economy, politics and public health, for example. The present study makes use of a netnographic inspired research carried out in an open social network to map the network of actors around an admittedly false news story about the Covid-19 cure. We seek, then, the answer to the following question: How does the organization of *fake news* networks occurs through reports about Covid-19? Starting from an initial post (P1), which talks about a prescription without scientific proof about a method to combat Covid-19, we mapped the unfolding of the network of human and non-human actors around the P1. As a result, we found an exponential engagement around the *fake news*, causing an incalculable consequence for public health.

Keywords: *fake news*; covid-19; post-truth; actor-network theory.

Recebido em: 05/04/2022

Revisado em: 17/06/2022

Aprovado em: 24/08/2022



Carlos Dias Chaym 

Faculdade Cearense, Brasil
Doutor em Administração,
Universidade Estadual do Ceará, Brasil

carlosdiaschaym@gmail.com

Maria Amélia Silva Gondim 

Faculdade Cearense, Brasil
Bacharel em Administração, Faculdade
Cearense, Brasil

ameliagondim@gmail.com

Fábio da Silva 

Universidade Potiguar, Brasil
Doutorando em Administração,
Universidade Potiguar, Brasil

fabiosoyme@hotmail.com

Introdução

A influência da propagação de notícias falsas, as chamadas *fake news*, vem ganhando cada vez mais relevância social. Embora não seja um fenômeno novo, elas foram fortalecidas com a popularização das redes sociais e de aplicativos de comunicação instantânea, uma vez que esses veículos permitem o compartilhamento de informações em tempo real para uma quantidade exponencial de pessoas (Ribeiro, 2018). Além do quantitativo, a pluralidade de pessoas que emitem opiniões é potencialmente aumentada, considerando a facilidade e os múltiplos dispositivos de acesso à internet para tanto (Carvalho & Kanffer, 2020). No ambiente virtual, quem transmite e o canal de comunicação utilizado, muitas vezes, são mais decisivos do que o conteúdo em si na hora de compartilhar uma informação (Silva & Oliveira, 2019).

Para Latour (2013, p. 40, grifo no original), “A informação não é um signo, e sim uma *relação* estabelecida entre dois lugares, o primeiro, que se torna uma periferia, e o segundo, que se torna um *centro*”. Com o ciclo de emissão, assimilação e retransmissão, as informações vão se deslocando no espaço e no tempo pela interação entre pessoas e objetos, entre indivíduo e tecnologia. Percebemos, sob essa perspectiva, que a comunicação se torna um fenômeno processual cujos meandros vão modificando a forma como as pessoas pensam, agem e interagem com informações, participando ativamente da construção de organizações-em-redes.

Todavia, a veracidade dessas informações, muitas vezes, é questionável, uma vez que não é raro prevalecer as críticas apaixonadas em detrimento dos fatos verificados, de modo que as pessoas assumem como verdadeira algo que elas preferem acreditar, ainda que sem fundamentação. Essa condição, no qual o imaginário popular cede muito mais às emoções do que ao fato objetivamente verificável no que diz respeito às informações, tem sido denominada de pós-verdade (Siebert & Pereira, 2020). Dada a influência da pós-verdade na sociedade contemporânea, o Dicionário Oxford a elegeu como palavra do ano 2016, o que reforça a ideia de que não se trata de um fenômeno trivial. Isso dispara um alerta sobre os mecanismos e impactos da relação entre pós-verdade e *fake news*, por exemplo, ao mostrar que uma parcela da população prefere fontes de informações alternativas e não verificadas como forma de burlar uma possível manipulação das mídias tradicionais (De Paula, Silva, & Blanco, 2018), podendo gerar efeito bola-de-neve.

Em decorrência dessa realidade, ler uma notícia em rede social atualmente e duvidar de sua veracidade deveria ser uma rotina cada vez mais prudente (Schmidt, 2017). Contudo, constatamos que todos os dias novas notícias sem fundamento são criadas e compartilhadas nas redes sociais. O compartilhamento de notícias falsas se torna ainda mais preocupante quando sua influência é percebida em questões de saúde pública e de ameaça à vida, especialmente quando o saber científico ainda não é capaz refutar essas notícias falsas (Souza Filho & Lage, 2021). Foi o que ocorreu nos primeiros momentos da pandemia causada pelo novo coronavírus, quando outros problemas ainda se somaram às *fake news*:

a pouca informação científica e o risco eminente do aumento do número de mortes. Assim, a Covid-19, que é uma doença infecciosa e transmitida pelo ar e atinge as mucosas, além de ser uma crise de saúde pública, também pode ser entendida como uma questão socioeconômica, espacial e geopolítica (Silva & Muniz, 2020). Para que o tempo não passe aos leitores deste artigo, uma noção imprecisa da situação da pandemia no Brasil já nos primeiros dois meses após o anúncio do primeiro caso, pelo menos quatro estados (Amazonas, Ceará, Pernambuco e Rio de Janeiro) registravam taxa de ocupação dos leitos de UTI próximos dos 100% e dois meses após o primeiro óbito por covid, 6.308 pessoas já haviam perdido a vida por causa do vírus no Brasil (Conass, 2022).

A partir de então, duas forças antagônicas passaram a se confrontar. Por um lado, a comunidade científica se debruçando sobre a elucidação das causas de uma enfermidade e os caminhos de sua cura e, por outro, a propagação de notícias com fórmulas milagrosas e sem eficácia comprovada que foram fortalecidas pelo cenário marcado pelas incertezas, medos e esperanças. Uma das formas de combater a propagação de *fake news* é conhecendo a sua gênese e a forma como ela se propaga nas redes sociais. Contudo, algumas armadilhas precisam ser evitadas na compreensão desse fenômeno dentre as quais destacamos a imposição de verdades prévias capazes de enviesar a análise da formação das redes de *fake news* e a omissão da rede social enquanto ator fundamental nesse enredo, já que estas possuem características próprias que interferem na velocidade de propagação e no impacto das notícias falsas.

Neste estudo, assumimos o desafio de lançar luz sobre essa questão valendo-nos da abordagem da Teoria Ator-Rede (TAR), abordagem processual que, além de considerar a realidade *a posteriori* dos fatos (Mol, 1999), também insere os atores não-humanos como elementos constitutivos do enredo composto por práticas e relações (Camillis e Antonello, 2016). Por ser processual, a TAR se difere das abordagens epistemológicas positivistas ao considerar os acontecimentos sociais como algo contínuo e não como algo consolidado e pretérito. Para Alcadipani e Tureta (2009, p. 659), “[...]a TAR oferece a possibilidade de analisar organizações como complexas e instáveis, sem assumir como certo a existência de fronteiras claras, permitindo focar no constante processo de organizar”. Ao utilizar a TAR, portanto, é possível entender como um ator inicial dá origem ao desenvolvimento de uma rede em torno de uma notícia falsa e em como essa rede, que vai se formando, acaba por se tornar ela mesma um ator, no caso, uma *fake news* consolidada. Assim, a Teoria Ator-Rede oferece uma perspectiva distinta dos conceitos de redes convencionalmente utilizados nos estudos de gestão e organizações por se ocupar com a construção das redes pelas relações entre humanos e não-humanos ao invés de partir da rede já estabelecida (Braga e Suarez, 2018). Considerando que empresas gastam valores consideráveis para criar uma reputação em torno de seus produtos e marca e promotores de políticas injetam recursos públicos em Pesquisa e Desenvolvimento (P&D) na fabricação e distribuição de vacinas e em campanhas de conscientização para a imunização da população, estudar a formação de redes de *fake news* pode ajudar a criar mecanismos de combate a esse tipo de prática.

Com base no exposto, este artigo se vale do conceito de translação preconizado pela TAR para explorar a seguinte questão de pesquisa: Como ocorre o organizar das redes de *fake news* em uma rede social a partir de relatos sobre a Covid-19? Tal questão norteadora nos leva a analisar como uma notícia falsa sobre Covid-19 vai sendo assimilada por outros usuários de uma rede social e, com isso, vai formando uma rede de *fake news* a partir desta postagem inicial.

Este estudo está seccionado em seis tópicos: o primeiro, aborda a introdução e pretende inserir o assunto aos leitores; o segundo, trata sobre o referencial teórico e tem como objetivo apresentar as abordagens pertinentes e que serviram de base para esta observação; o terceiro, procura descrever os procedimentos metodológicos e explicar como foram realizadas as etapas de coleta e análise dos dados; o quarto, busca apresentar a análise e discussão dos resultados; a seção cinco apresenta as considerações finais com as limitações da pesquisa e sugestões de pesquisas futuras.

Humanos e não-humanos entrelaçados

Originalmente desenvolvida nos laboratórios de P&D, a Teoria Ator-Rede logo foi aplicada em outros campos como uma abordagem processual de explicação dos acontecimentos (Tonelli, 2016). De acordo com Camillis e Antonello (2016) e Costa (2020), a TAR é sobre a relação tanto entre pessoas como entre pessoas e coisas, devendo ser entendida a partir do mapeamento e da percepção de associações e dissociações que tais atores (também chamados de actantes) fazem. Nessa perspectiva, de acordo com Costa (2020, p. 4) “[...]a sociedade passa a ser um combinado de associações e dissociações” obtido a partir das dinâmicas de imitação, contraimitação e oposição.

O termo ator-rede se justifica por tratar do efeito de associação desses elementos (Alcadipani & Tureta, 2009) e tem necessariamente um hífen cuja função é lembrar que o foco repousa não nos atores em si, mas nas relações que levam os atores a formarem redes que, por sua vez, acabam por se tornar ela própria um ator (Latour, 2012). Segundo Jurno e D’Andréa (2015), a TAR é uma abordagem voltada para a formação de redes a partir de associações entre elementos híbridos (humanos e não-humanos) e fomentada a partir de duas fundamentações: ator e rede, em que o ator é “[...]aquele que age e/ou faz agir” (Jurno & D’Andréa, 2015, p. 02) e a “[...]rede é o espaço-tempo da ação, o movimento associativo entre os elementos que deixa ver surgir o social. Não é por onde as coisas passam, mas aquilo que se forma na relação entre os atores” (Jurno & D’Andréa, 2015, p. 02).

Para Latour (2012), o ator-rede é feito para agir, isto é, para levar outras entidades a fazerem coisas, por meio de translações e deslocamentos. Esses movimentos de translação são definidos por Latour (2011, p. 168) como “[...]a interpretação dada pelos construtores de fatos aos seus interesses e ao das pessoas que eles alistam”. Segundo Braga e Suarez (2018), para entender a ação no contexto da Teoria Ator-Rede, o conceito de translação se torna imprescindível, uma vez que os processos de translação são as

relações simbólicas e materiais decorrentes das interações entre os atores dentro da rede. Latour (2012) qualifica esses movimentos de translações a partir do entendimento de que essas influências entre atores podem ocorrer de modos distintos (Figura 1).

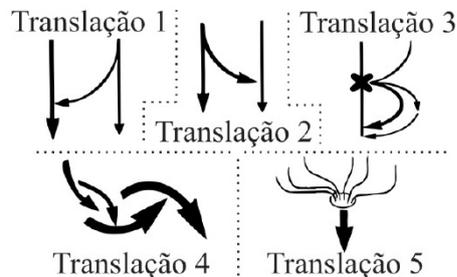


Figura 1. Processos de translação

Fonte: Adaptado de Latour (2012)

Na primeira forma de translação, uma força mais branda pega carona em uma força dominante sem, contudo, anular sua proposta concebida. Isso permite reduzir possíveis bloqueios na formação das redes, já que um discurso forte tem mais probabilidade de convencer outros atores a aceitarem a ideia proposta. Podemos perceber esse movimento de translação quase que cotidianamente quando ouvimos discursos do senso comum usando expressões como “pesquisas indicam que” ou “segundo cientistas” como forma de emprestar um suposto rigor científico a uma afirmação original, ainda que esta seja falsa e feita sem métodos adequados de investigação.

Diametralmente oposto há a segunda forma de translação, quando um ator procura trazer outros atores para assumirem seu discurso como sendo verdadeiro. É natural que esse movimento seja mais difícil quanto mais fraco for o actante, o que, em muitos casos, faz com que essa estratégia seja deixada de lado. Se tomarmos como exemplo duas propostas concorrentes submetidas a um projeto de financiamento, aquela que conseguir convencer a agência financiadora conseguirá levar seu interesse adiante, enquanto a outra será excluída.

A translação do tipo 3 cria uma associação com base no entendimento de que um dos caminhos está bloqueado e, para que haja desobstrução de forma mais rápida, é necessário um pequeno desvio para então trazer uma solução. Latour (2011) compara esse movimento ao de um elástico esticado que ou se rompe ou retorna para um ponto original. Um exemplo é dado pelo próprio autor quando cita o caso de construção de navios de combate cada vez maiores e mais fortes, porém com pouca navegabilidade já que as bússolas convencionais ficavam inoperantes em meio a tanto ferro. Foi então que a Marinha precisou investir em um laboratório que buscava desenvolver uma bússola giroscópica, capaz de operar sem distorções naquele ambiente, permitindo a navegabilidade dos navios.

A quarta estratégia é possível quando os interesses dos actantes não são perfeitamente explícitos e rígidos. Com efeito, interesses em comuns entre atores distintos podem somar esforços para atingirem seus objetivos, formando uma rede mais fluida de translações. Casais recém-formados

podem ser um bom exemplo dessa formação: as individualidades cedem espaço à coletividade e ao compartilhamento de interesses sem haver uma anulação total da primeira condição.

Por fim, a última estratégia de translação, descrita por Latour (2011), consiste em se tornar indispensável à rede. Quando isso ocorre, nenhum movimento adicional é necessário, pois dado ator conseguiu entregar uma solução que, para outros, seria demasiada dispendiosa (quando não impossível) buscar outra alternativa. Assim sendo, é melhor para os que estão de fora da rede encarar o discurso (que pode ser uma tecnologia, por exemplo) como uma caixa-preta irrecusável e, com isso, se juntarem à rede proposta. Para exemplificar essa condição, podemos tomar, como exemplo, os monopólios criados pelas patentes de medicamentos. É muito mais cômodo para o enfermo pagar o valor estipulado pelo medicamento do que ele mesmo desenvolver seu próprio medicamento para aquela doença. Assim, a única opção possível para esse ator é se juntar à rede de uma força hegemônica.

De acordo com Lemos (2013), Praude (2015; 2016) e Cavalcante *et al.* (2017), na Teoria Ator-Rede, aqueles que geram ação, sejam pessoas, objetos (tangíveis) ou ainda algo não tangível (*software*, informação ou conhecimento) são chamados atores ou actantes. A relação/conexão entre os diversos atores em um grupo é chamada de associação e permite identificar as interações existentes nas redes. Nesse sentido, os atores participantes das associações podem ser tanto mediadores (actantes) como intermediários (aqueles que não modificam a mensagem inicial (Praude, 2015; 2016; Cavalcante *et al.*, 2017).

Segundo Ipiranga, Chaym e Sousa (2016, p. 138), “[...]os elementos não-humanos, assim como seus pares humanos, são agentes vivos no organizar do espaço sociopolítico[...]” e, deste modo, “[...]representam forças físicas e simbólicas na construção das redes”. Devido à heterogeneidade e ao hibridismo presentes nos elementos que formam as redes, as mudanças são constantes, de tal modo que as redes que se formam não estão organizadas no sentido de engessamento, antes pelo contrário: elas vão se organizando e reformulando a cada novo movimento dos atores-em-rede (Ipiranga, Chaym & Sousa, 2016).

Por sua vez, a comunicação ou ação entre dois ou mais actantes e/ou mediadores remete ao conceito de tradução/mediação, isto é, no contexto da TAR, tradução é o processo em que a ação corresponde ao fluxo de interações entre os meios, onde este fluxo se transforma em uma nova ação de forma que haja uma ligação entre a ação inicial e a nova ação. Dessa forma, cumpre frisar que não existem traduções perfeitas, uma vez que os atores fazem sua própria interpretação da comunicação (Praude, 2015; 2016; Cavalcante *et al.*, 2017).

A TAR assume uma perspectiva relativista em relação aos fenômenos e acontecimentos que, por sua vez, estão em constante mutação em relação a si próprio e em relação às redes que vão se formando. Essas associações entre atores humanos e não humanos formam redes heterogêneas e mutáveis, em que todos os elementos estão em constante mudança, e essas redes devem ser entendidas como um processo de ordenação (Tureta,

Rosa & Santos, 2006). Por assumir os fenômenos sociais como fatos em constante construção, a TAR se torna uma abordagem versátil que tanto pode ser utilizada como teoria quanto como método (Tureta & Alcadipani, 2009). Ao utilizar a noção de organizar (e não de “organizado”, como algo acabado), a TAR tem atraído o interesse de diversos autores da área de estudos sociais aplicados, pois ela se contrapõe a abordagens *mainstream* ao conferir uma dinâmica subjetiva e orgânica à construção dos fatos. Quando Camillis, Bignetti, & Petrini (2020, p. 106), argumentam que “[...]o método de seguir atores (humanos e não-humanos) nos dá um grau de liberdade, ainda pouco explorado[...]”, fortalecem a ideia de que a TAR continua a dar contribuições para estudos de gestão. Eis alguns trabalhos, tais como os de Murro e Beuren (2016), que utilizaram a TAR para estudar a perícia contábil; Alcadipani e Tureta (2009b), que aproximam a teoria com estudos críticos; Cavalcanti e Alcadipani (2013), que discorrem sobre a visão processual das organizações e Durepos e Mills (2017), que trazem uma perspectiva histórica à TAR corroboram com a contemporaneidade da TAR. O tom provocativo de Latour (2011, p. 47), ao questionar “como ser mais forte que um monte de opiniões?”, já sugere que a aproximação da Teoria Ator-Rede com as *fake news* pode render estudos mais robustos.

Redes sociais e *fake news*

As redes sociais crescem cada vez mais e ocupam espaço tanto no mundo real quanto no virtual (Shimazaki & Pinto; 2011). Carrano (2017) descreve as redes sociais virtuais como um novo meio de interação que possibilita que as pessoas possam criar perfis, fazer amizades e divulgar informações, fotos e vídeos, além de compartilhar experiências e conhecimentos com inúmeras pessoas da sua rede. Neste contexto, as redes sociais apresentam, uma “[...]compreensão da sociedade a partir dos vínculos relacionais entre os indivíduos, os quais reforçariam suas capacidades de atuação, compartilhamento, aprendizagem, captação de recursos e mobilização” (Marteleto, 2010, p. 28).

De acordo com Azzari e Pelissari (2018), uma das principais características das redes sociais é a velocidade com que as informações são propagadas. Por conta do volume e da velocidade, a propagação de notícias falsas tende a ganhar crescimento exponencial (Barbosa & Santi, 2019; Brandão, Cruz & Rocha, 2020). Deste modo, atores humanos (pessoas) e atores não-humanos (artefatos tecnológicos, como smartphones, computadores e sítios da internet) se conectam de modo a ir tecendo uma imbricada rede que torna cada vez mais difícil saber a origem de determinada notícia.

Segundo Santos, Ferrete e Alves (2020, p. 07), a rede social mais popular da história é o Facebook e “[...]enquanto plataforma digital de interação e comunicação se estabeleceu no primeiro lugar do ranking como maior rede social com números de usuários ativos no mundo”. Cabe destacar que o Facebook permite integração entre pessoas e mesmo entre outras redes sociais, uma vez que é possível o compartilhamento de links, vídeos e sites, atuando como uma rede de comunicação informal (Santos, Ferrete & Alves, 2020).

Além do usuário comum, o relativo anonimato das redes sociais também pode servir para grupos propagarem, de forma proposital, notícias falsas, com viés político-ideológico, por exemplo. A profissionalização dessa prática tem tornado comum o uso de robôs (*bots*) programados para gerar e compartilhar conteúdos nas redes sociais, assumindo a tarefa que outrora era realizada por atores humanos (Schuchard, Crooks, Stefanidis & Croitorou, 2019), como visto na Figura 2. Deste modo e em alguns casos, dada a impossibilidade de determinar se um perfil em uma rede social é operado de fato por uma pessoa ou se é apenas um *bot*, é possível considerá-lo como um elemento híbrido (Paz & Corona, 2021; Schuchard *et al.*, 2019).

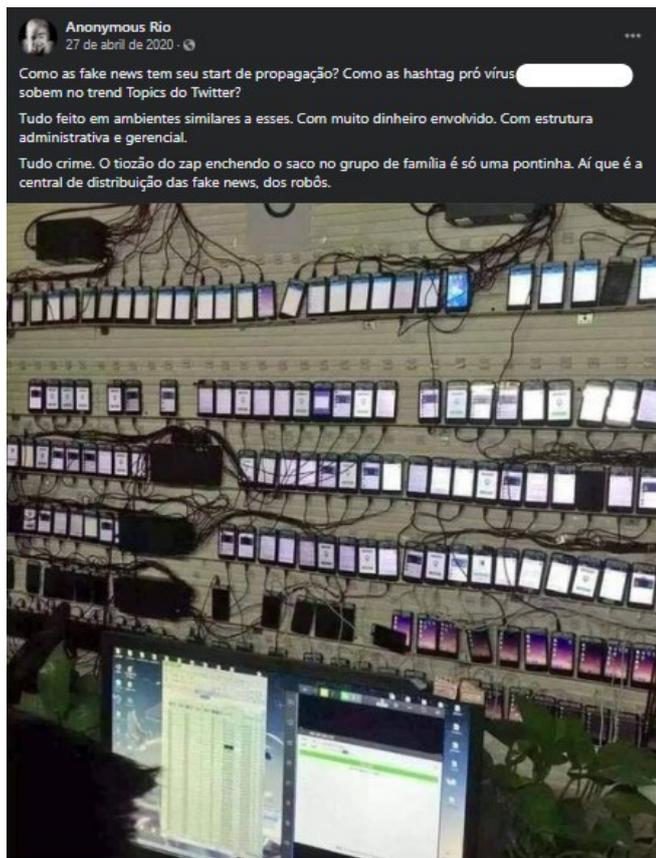


Figura 2. Postagem mostrando uma central de distribuição de *fake news*

Fonte: Disponível em: https://www.facebook.com/anonymousrioFase2/posts/320113_0813284486/. Acesso em 30 abril 2021

Nesse contexto, o conceito de *fake news* é relativamente novo e ainda em construção. Para esse estudo, adotamos a definição dada por Gelfert (2018, p. 108): “[...] *fake news* é a apresentação deliberada de alegações (tipicamente) falsas ou enganosas como notícias, onde estas são enganosas por *design*”. O autor completa afirmando que “por *design*” deve ser entendido como as características sistêmicas da comunicação, assim como das suas fontes e canais de divulgação e disseminação que as informações falsas são transmitidas com o objetivo de influenciar e persuadir seus receptores (Gelfert, 2018).

Nesse sentido, alguns estudos buscam relacionar o uso de redes sociais, tais como o Instagram e o Facebook, com a mudança de comportamento em jovens (Quadé & Santos, 2017); a influência das redes sociais na sociedade e educação contemporâneas (Santos & Santos, 2014); e, de forma mais intensa, sobre o marketing digital e comportamento do consumidor (Santos, 2016; Menegatti *et al.*, 2017; Sousa, Siqueira, Nascimento & Silva, 2020). Todavia, ainda são escassos os estudos que investigam o uso das redes sociais virtuais com as *fake news*. Convém ressaltar que “[...]no que diz respeito ao novo coronavírus, as *fake news* tomaram conta das redes em uma grande velocidade, talvez tão grande quanto a velocidade de disseminação do novo vírus” (Sousa, Raasch, Soares & Ribeiro, 2020, p. 336).

Procedimentos metodológicos

Nesse estudo, concomitantemente descritivo e exploratório, adotamos a pesquisa aplicada com o objetivo de entender como ocorre o organizar das redes de *fake news* por meio de relatos sobre a Covid-19. Para realizar o rastreamento dos atores na formação de redes, como visto em Latour (2011; 2012), realizamos uma pesquisa de inspiração netnográfica em uma rede social aberta. Para Kozinets (2014), os estudos em ambientes virtuais que estão constantemente se transformando e remodelando suas configurações e interações requerem técnicas qualitativas para poderem ajudar a desenhar (ou redesenhar) o mapa destes ambientes da internet.

De acordo com Batista, Crescitelli e Figueiredo (2017, p. 5), a netnografia é uma das remodulações do estudo etnográfico e nela “[...]a pesquisa acontece por meio da observação do pesquisado em seu contexto real e não em um contexto fabricado pelo pesquisador”. Utilizamos nossas contas no Facebook para explorar fóruns de debates sobre a pandemia da Covid em busca de notícias que apresentassem supostas curas para a doença e, a partir de então, mapear as redes-de-translação em torno da notícia.

Começamos por uma postagem inicial reconhecidamente falsa (P1) como ponto de partida do mapeamento da rede sem que houvesse nenhuma interação dos pesquisadores com os indivíduos que interagiram com o conteúdo original, preservando ainda seus anonimatos. Como precisávamos de um princípio organizador, como um fio de Ariadne que irá guiar “[...]o observador no labirinto em que reinam o caos e a confusão” (Latour, 1997, p. 36), optamos por escolher esta postagem especificamente pelo fato de ser comprovadamente uma *fake news* sobre Covid-19 e, por falar sobre uma possível cura, as chances de engajamento/formação de rede tende a ser maior do que se fosse uma notícia mais trivial.

O rastreamento das associações dos atores foi feito com base nas reações, comentários e, principalmente, nos compartilhamentos realizados pelos usuários da rede a partir de P1. Ressaltamos que é impossível saber exatamente quantas pessoas tiveram acesso à informação falsa, pois ela foi postada abertamente e não apenas para os contatos adicionados (amigos). Tomamos como referência Latour (2012, p. 44, grifo no original) quando afirma que “[...]a tarefa de definir e ordenar o social deve ser deixada aos próprios atores, não ao analista. É por isso que para recuperar certo senso de ordem,

a melhor solução é rastrear conexões *entre* as próprias controvérsias e não tentar decidir como resolvê-las”. Cabe destacar que optamos por utilizar o Facebook por ser uma rede aberta e gratuita, que possui ferramentas para comentar e de compartilhamento com um clique (opção compartilhar), bem como o fato de se tratar de uma rede social de alcance mundial (Cruz, 2020) que conta com mais de 100 milhões de usuários somente no Brasil.

Em seguida, fomos rastreando as reações em torno de P1 para entender a formação de redes-de-atores em diversos níveis de rede, que fomos denominando R1, R2 e assim por diante. Não temos o objetivo de fazer um mapeamento exaustivo da rede, uma vez que o crescimento exponencial dos compartilhamentos e o fato dos usuários poderem apagar a qualquer momento suas postagens inviabiliza qualquer esforço operacional nesse sentido. Além disso, não há garantia de que um mapeamento exaustivo represente um ganho real nos achados da pesquisa, de modo que ficar apenas nos primeiros níveis da rede pode ser considerado como uma limitação apenas parcial da pesquisa.

Resultados e discussão

As postagens realizadas no *Facebook* em abril de 2020 foram observadas semanalmente pelo computador (atores não-humanos) a partir da data de publicação até o dia 02 de junho de 2021 e as interações mais importantes entre os actantes foram registradas por meio de *prints* (imagens) que são dispostos a apresentar os principais resultados da pesquisa. Contudo, tais engajamentos só são possíveis por meio de artefatos tecnológicos (como computadores, *smartphones*, a plataforma Facebook, entre outros). Logo, ao citar os atores/actantes humanos da rede e suas “associações” e “traduções”, devemos entender que há interrelações destes com os atores não humanos, concomitante e indissociavelmente.

A pesquisa empírica, então, ocorreu partindo de uma notícia compartilhada abertamente no Facebook (P1), postada publicamente no dia 22 de abril de 2020 por um usuário do Facebook e, tomando essa postagem como ponto de partida, iniciamos o trabalho de investigação e acompanhamento das “associações” e “traduções” entre os actantes, bem como a organização dos atores-em-rede propagando *fake news*. A Figura 3 ilustra a notícia de que supostamente uma receita caseira usando *Acmella oleracea* (popularmente chamada de jambu) juntamente com limão e alho teria propriedades curativas para a Covid19:

MEDICINA CASEIRA PODE ESTÁ (SIC) AJUDANDO NESSA LUTA CONTRA COVID 🙌👉👏🙌 chá de limão com alho e jambu tá (SIC) matando os sintomas do coronavírus muitas pessoas ficaram boa (SIC) sem precisar ir pra (SIC) hospital porque lá é pior, Deus tá (SIC) curando muita gente através desse chá tem que tomar morno. Alho, jambu e limão, quem não quiser morrer e só fazer esse chá e Deus fará o milagre. Um limão, 2 dente (SIC) de alho e algumas folhas e flor de jambu quanto mais forte o chá melhor.

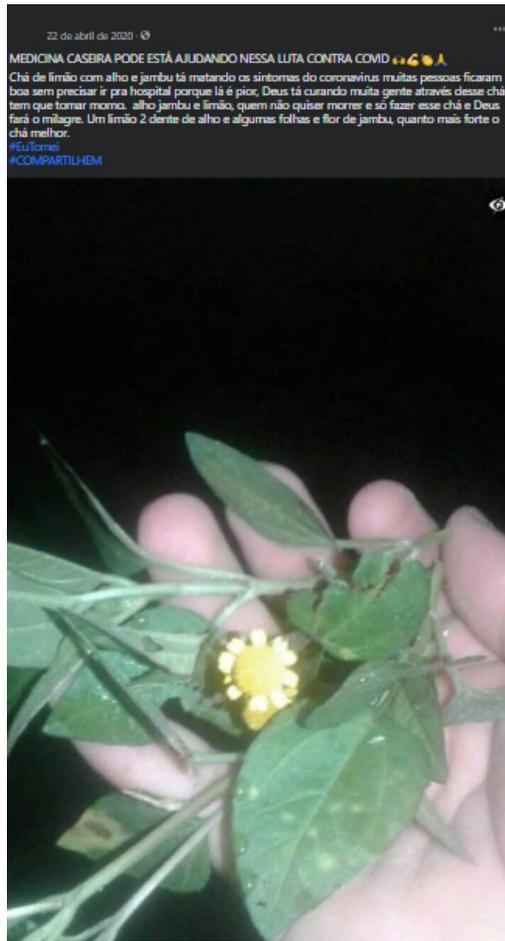


Figura 3. As propriedades do chá de jambu com alho e limão no combate à covid-19
 Fonte: Dados da pesquisa a partir do Facebook

Após a postagem, pelo menos um usuário não identificado da rede social provocou a Agência Lupa para que investigasse a veracidade da informação. Segundo Schmidt (2017), a Agência Lupa é uma das agências especializadas em *fact-checking*, ou seja, ela atua na investigação de notícias para comprovar ou não sua veracidade. No dia 24 de abril de 2020, apenas dois dias após sua primeira publicação, a informação contida na legenda da foto foi verificada e comprovada que era falsa (Figura 4) pela Agência Lupa, por solicitação dos próprios usuários do Facebook (actantes).

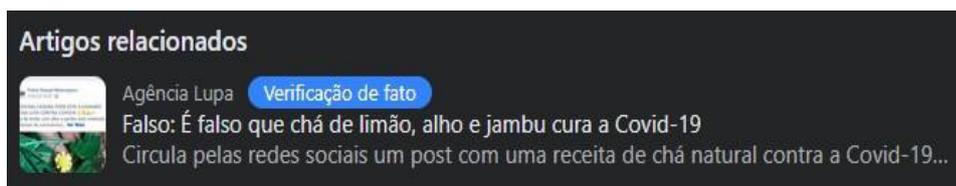


Figura 4. Comprovação de notícia falsa pela Agência Lupa
 Fonte: Dados da pesquisa a partir do Facebook

Mesmo sendo constatada que se tratava de uma notícia falsa, a P1 continuou a ser disseminada na rede social e gerou novas redes de atores que compartilharam, comentaram e reagiram (por reações entendemos a interação utilizando *emojis* pré-determinados pelo Facebook) a P1. Nessa perspectiva, o primeiro ator desta rede é a própria postagem e não para quem posto, pois, como visto em Latour (2012, p. 75), “[...]o ator é aquilo que muitos outros *levam a agir*[...]”, sendo que cada novo ator da rede tem o potencial de ser uma nova encruzilhada, a origem de uma nova malha de práticas e translações.

A primeira formação de uma rede-de-actantes em torno da postagem original gerou o que consideramos o primeiro nível da rede, que será denominada de R1 (Figura 5). Ela foi composta por 680 outros atores que compartilharam a notícia, 149 atores que comentaram e 251 atores que reagiram, em um total de 1.080 engajamentos diretos (embora este número possa estar superestimado, já que um mesmo ator pode interagir com mais de um modo). Entendemos que a rede começa a se formar logo a partir da primeira reação em torno da *fake news*, já que a notícia por si só não pode ser considerada como isolada de uma teia de conexões que a legitime. Latour (2011, p. 160) concorda com esse posicionamento processual da formação de redes ao afirmar que “Você pode ter escrito um artigo definitivo provando que a Terra é oca e que a Lua é feita de queijo fresco, mas esse artigo não será definitivo se outras pessoas não o tomarem e usarem como fato mais tarde. [...] Você precisa delas para que seu artigo seja decisivo”. Em outras palavras, ao constatarmos a formação da R1, também identificamos que houve efetivamente a propagação de uma *fake news* que afirma ser o chá de jambu, alho e limão eficaz no combate aos sintomas provocados pelo Sars-Cov2.

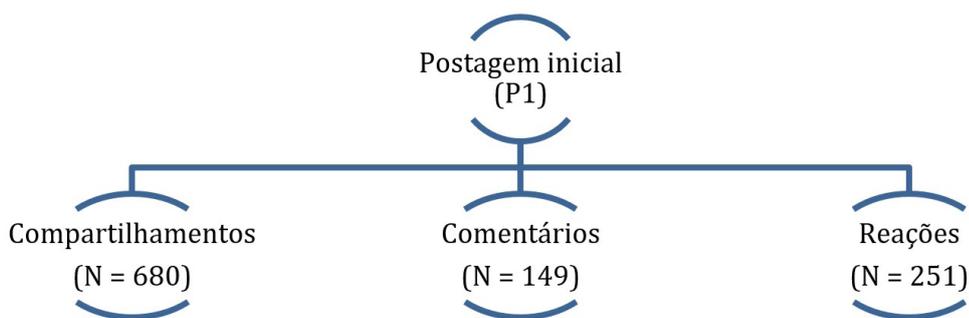


Figura 5. Formação da Rede-de-actantes R1

Fonte: Elaboração própria

Ao todo, foram realizados 680 compartilhamentos da primeira postagem. Escolhemos, então, dois compartilhamentos de forma aleatória para continuar investigando o engajamento em torno da formação da rede. Diferentemente das pesquisas de epistemologia positivista que valoriza a regularidade, nossa abordagem segue aquilo que Latour e Woolgar (1997) chamam de *microsociologia dos fatos*. Investigar os fenômenos sociais sob

essa perspectiva enriquece consideravelmente a narrativa, pois resgata as subjetividades dos atores. Entendemos que, mesmo havendo a limitação por parte do Facebook de permitir apenas um conjunto pré-determinado de ações possíveis, a forma como cada ator translada seus interesses (Latour, 2011) em torno da P1 pode formar diversas facetas à rede. Segundo Jurno e D'Andréa (2015, p. 07):

[...] os compartilhamentos são um importante foco de análise porque no compartilhamento encontramos duas ações contíguas a circulação e a resignificação – o usuário compartilha o post de outro usuário para que circule entre sua lista de amigos por interesses próprios, especificando-os (ou não) através da inserção de textos adicionais que podem resignificar seu conteúdo.

Das 251 reações ligadas à P1, 221 pessoas “curtiram”; 24, “amaram”; 5, reagiram com “uau” e 1, reagiu com “haha”. É possível perceber que apenas 1 reação se mostrou irônica em relação à informação, o que é proporcionalmente insignificante se comparado ao quantitativo de reações positivas. Na medida em que essas reações vão acontecendo, o engajamento vai ocorrendo, seja fortalecendo ou enfraquecendo (quando se mostram contrárias ou irônicas, por exemplo). Por expressarem apenas reações pré-determinadas, os elos oriundos das interações por meio de reações são demasiados fracos para serem classificados com segurança, diferentemente do que ocorre com as interações por meio de compartilhamentos e comentários.

No que diz respeito aos comentários, foram identificados 144 de 149 realizados diretamente na P1, e entre esses foi percebida a predominância de marcações de outros usuários do Facebook. Sobre os comentários, um total de 40 comentários eram marcações de outras pessoas; 28, eram de informações respectivas à planta; 27, indicações de usuários informando que recomendavam o chá, pois já haviam tomado ou estavam tomando; 12, palavras ou frases religiosas; 10, eram respostas às marcações; 7, eram *emojis*; 5, reforçavam a veracidade da postagem; 4, pretendiam fazer o chá; 3, questionaram a veracidade do conteúdo; 2, alegando não ter comprovação científica; 2, orientando cuidado com as plantas e as informações declaradas na postagem; e 1, mensagem que não tinha ligação com a postagem. Por fim, 3 atores alegaram tomar um chá equivalente, tecendo comentários acerca da propriedade medicinal de outras plantas no combate à Covid-19. Esses últimos atores, por sua vez, podem se tornar o P1 de uma nova rede de *fake news* em torno dessa suposta planta, bastando que, para isso, outros atores se engajem compartilhando dessa nova notícia. Tal investigação, contudo, é dada como uma limitação da pesquisa, uma vez que sua investigação se estenderia para além da questão de pesquisa proposta.

A formação dessa rede, entretanto, pode ocorrer de forma positiva (quando os atores compartilham aceitando o conteúdo da mensagem como sendo verdadeiro); negativa (quando compartilham, porém, alertando que se trata de uma informação sem validação científica); ou intermediária (quando os actantes não discordam do conteúdo inicial explicitamente, mas adicionam uma nova informação a notícia original). Dado o crescimento exponencial da rede, operacionalizar uma análise minuciosa sobre que rumos a rede foi tomando se torna inviável, sendo essa talvez a principal limitação da presente pesquisa.

Para Latour (2011), a formação da rede de forma positiva ocorre quando há o movimento de translação do tipo 1, em que os atores agem de modo a propagar a ideia central corroborando com a rede. Por sua vez, à medida que outros actantes buscam contradizer o fundamento principal que originou a rede, e expor um novo argumento contrário a perspectiva inicial, estes atores fazem o movimento de translação do tipo 2 (Latour, 2011). Por fim, ao utilizarem a P1 para um terceiro objetivo, que é a propagação de outras plantas medicinais, os actantes fizeram o deslocamento de translação do tipo 4 (Latour, 2011), uma vez que não corroboraram com a postagem inicial e nem tão pouco a negaram.

A TAR preconiza que o processo de rastrear as associações entre os atores humanos e não-humanos desponta para o infinito, já que a formação das redes são processos instáveis que vão atraindo ou dispersando atores. Para solucionar o impasse de saber quando parar de rastreá-las, Latour (2011; 2012) argumenta que a capacidade operacional dos pesquisadores é um critério aceitável para determinar quando finalizar esse mapeamento.

Assim, dada as limitações operacionais, elegemos três interações, de modo a permitir mapear uma parte do desdobramento da rede de *fake news*. A primeira observação foi realizada a partir de um comentário em P1 e outras duas observações foram realizadas a partir do compartilhamento da postagem inicial. Cumpre frisar que, no momento da análise, é provável que algumas postagens tenham sido excluídas ou mesmo alguns perfis de usuários que compartilharam P1 tenham sido apagados ou excluídos por não cumprir as políticas de privacidade do Facebook.

A segunda formação de uma rede-de-actantes em torno da postagem original gerou o segundo nível da rede, que será denominada de R2 (Figura 6). A R2 é resultante das interações entre os atores a partir de um comentário realizado na R1, que, por sua vez, está diretamente ligada à P1. Dito de outra forma, cada nível da rede (R1, R2, ...) corresponde a um conjunto de interações em torno de uma postagem, que pode ser tanto a P1 ou os compartilhamentos desta P1 feito pelos usuários do Facebook. Latour (2012, p. 194) destaca que “[...]uma rede não é feita de fio de nylon, palavras ou substâncias duráveis; ela é o traço deixado por um agente em movimento”. Como cada nova interação (também chamados de nós da rede) gera uma nova malha de interações, segmentamos a análise em níveis da rede para tornar mais didática a descrição dos acontecimentos em torno da *fake news*. Nesta formação, o actante A marcou o actante B, e esse que respondeu e curtiu a marcação de A e marcou um terceiro actante C que curtiu e respondeu a B, gerando um total de 8 engajamentos, ou seja, 8 nós em rede.

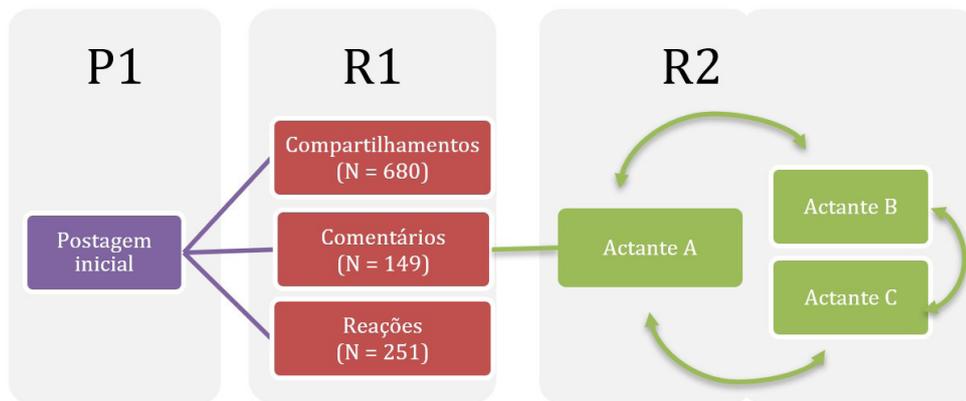


Figura 6. Formação da rede-de-atores R2

Fonte: Elaboração própria

A terceira formação de uma rede-de-atores em torno da P1 ocorreu a partir de um compartilhamento, dentre os 680 identificados, gerando o que classificamos como o terceiro nível da rede (R3). A postagem foi compartilhada a primeira vez pelo ator D, em seguida foi novamente compartilhada pelo ator E, recebendo 1 curtida e, ainda, compartilhada mais uma vez pelo ator F (Figura 7). Contudo, devido às configurações de privacidade do ator F, não foi possível continuar a observação da postagem (sendo considerada outra limitação da pesquisa). Dessa forma, de acordo nosso entendimento, a R3 gerou um total de 4 engajamentos, ou seja, 4 nós da nova rede.

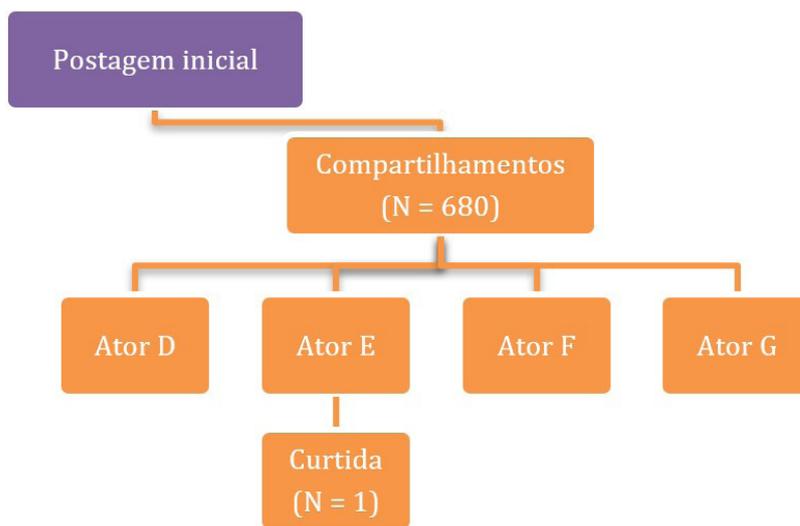


Figura 7. Formação da rede-de-actantes R3

Fonte: Elaboração própria

Nota: Postagem inicial (P1) em destaque roxo; formação da R3 em destaque laranja a partir da P1

A quarta formação de uma rede-de-atores em torno da postagem original gerou o quarto nível da rede, que será denominada de R4 (Figura 8). Nesse caso, a postagem foi compartilhada pelo ator G e houve inserção

de texto adicional em que foram incluídas as marcações dos atores K, L, M, N, O, P e Q, acompanhada pela frase “vamos compartilhar o máximo”. A publicação foi curtida por 3 pessoas (dessas, duas não estavam marcadas), comentada pelo usuário L e compartilhada por 3 usuários, usuário H, usuário I e usuário J (devido às configurações de privacidade dos usuários, não é possível visualizar as postagens). As interações, um total de 12, equivalem a 12 engajamentos, ou seja, 12 nós da rede.

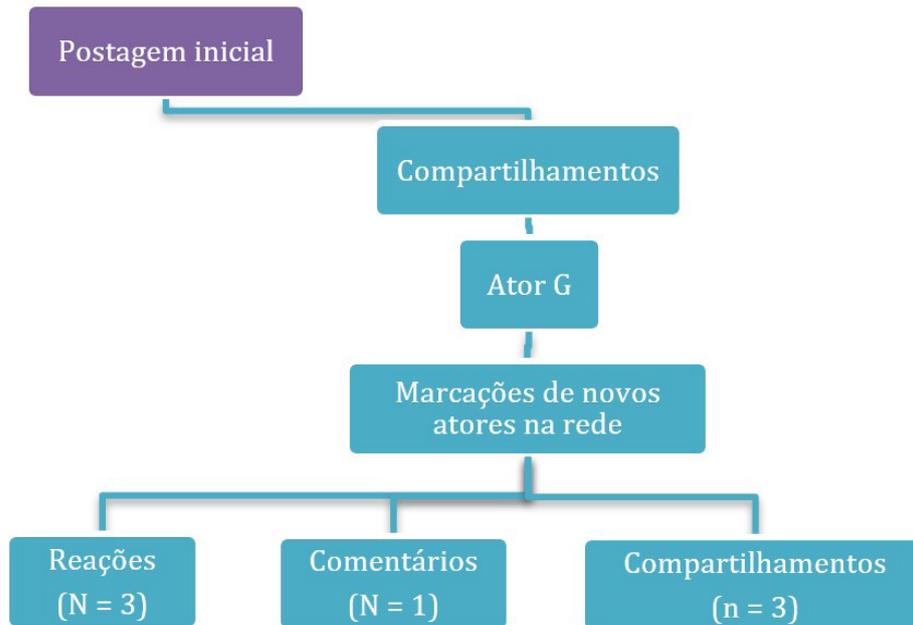


Figura 8. Formação da rede-de-atores R4

Fonte: Elaboração própria

Nota: Postagem inicial (P1) em destaque roxo; formação da R4 em destaque laranja a partir da P1

Diante do exposto, fica patente que à medida que os actantes se comunicam e fazem suas próprias traduções das informações contidas na postagem inicial, assim como estes atores interagem com novos atores, a rede inicial e a formação de novas redes tendem a aumentar significativamente. Este fato é corroborado pela facilidade de exposição e propagação das informações pelas mídias e redes sociais digitais (Carrano, 2017; Ribeiro, 2018; Carvalho & Kanffer, 2020). A Figura 9 apresenta o organizar das redes de *fake news* por meio de “traduções” (Praude, 2015; 2016; Cavalcante *et al.*, 2017) sobre a Covid-19.

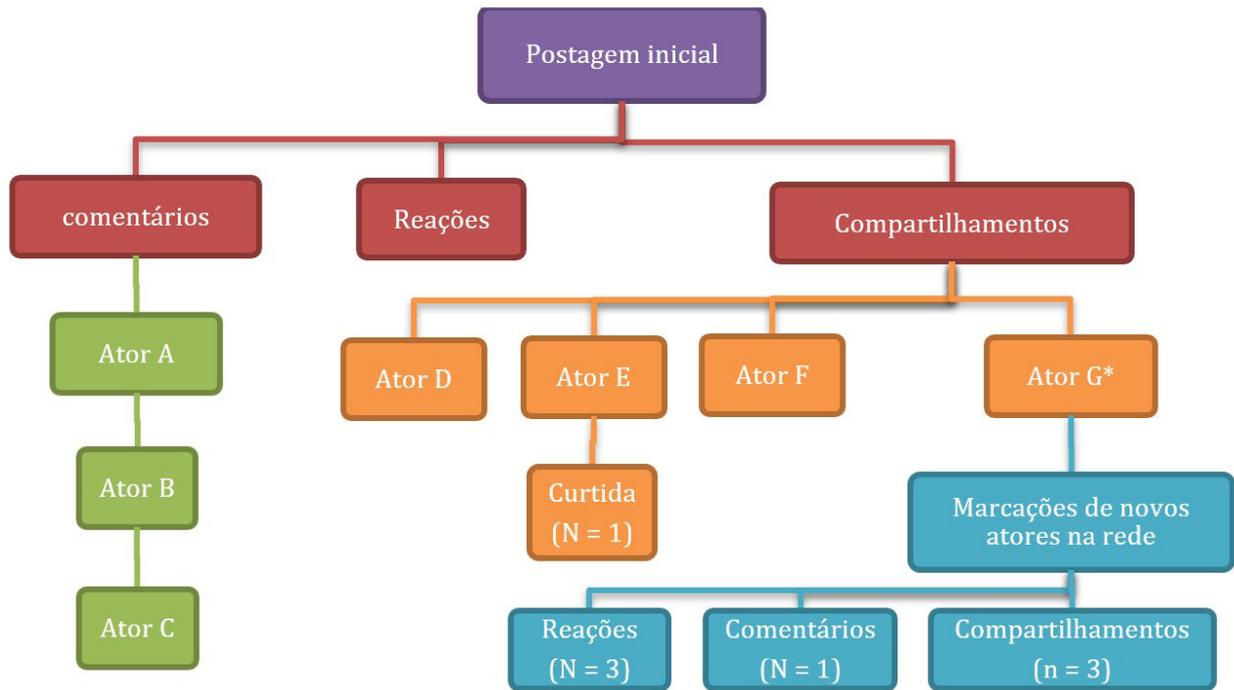


Figura 9. Mapeamento de uma rede de fake news

Fonte: Elaboração própria

*O ator G inicialmente compõe a R3; em seguida, dá início a R4

Nota: Postagem inicial (P1) em destaque roxo; R1 em destaque vermelho; R2 destaque em verde; R3 em destaque laranja; R4 em destaque azul

Como já destacado, o período de observação da P1 foi entre abril de 2020 a junho de 2021. Considerando as limitações de pesquisas, foram observadas aleatoriamente três interações a partir da postagem inicial, de modo a permitir mapear as interações que resultaram em uma rede de *fake news* sobre possíveis benefícios do chá de jambu, alho e limão contra os sintomas do novo coronavírus. Os resultados mostram um total de 1.104 interações entre todos os actantes observados, sendo 1.080 engajamentos na R1; oito interações na R2; quatro engajamentos na R3; e 12 interações na R4.

Em suma, o mapeamento da rede analisada (Figura 9) apresenta as “associações” e “traduções” entre os atores, bem como a organização dos atores-em-rede propagando *fake news*. Os resultados mostram que houve os movimentos de translação do tipo 1 (disseminação de forma positiva da notícia contida em P1); translação do tipo 2 (contraposição a postagem inicial); assim como translação do tipo 4 (adição de informações à P1, sem, no entanto, corroborar ou negar a notícia inicial).

Ademais, é preciso destacar a importância dos atores não humanos, especialmente os artefatos tecnológicos (computadores, *smartphones*, conexão com a internet, dentre outros) utilizados para fazer associações e traduções pelos atores humanos na formação e disseminação da rede inicial gerada por P1, bem como o surgimento de novas redes a partir dos movimentos de translação ocasionados pela formação da R1.

A observação do movimento dos atores na construção de uma rede de *fake news* traz algumas evidências importantes para o campo da Administração. Em primeiro lugar, podemos alertar que o volume de informações em uma rede social tem grandes chances de se tornar um ruído para os interesses de gestores públicos interessados em vacinar a população. Em segundo lugar, a mesma lógica de *fake news* pode ser replicada em outras situações do contexto empresarial quando empresas ou pessoas têm sua reputação ameaçadas por notícias falsas, deliberadamente espalhadas ou não. Um caso em que a propagação de uma notícia falsa praticamente destruiu uma carreira foi o do cantor Wilson Simonal, que até hoje tem seu nome associado a práticas que nunca se confirmaram (Paschoal, 2019). Por fim, uma terceira reflexão pode surgir a partir de nossas análises: qual o papel ético e moral das redes sociais em relação à propagação de *fake news*? Embora não sejam autoras das postagens, redes sociais, tais como Instagram, Facebook e outras, possuem um papel fundamental ao servir de plataforma para notícias duvidosas. Assim, que reflexões podem surgir a partir desse papel difuso dessas empresas nesse processo?

Considerações finais

A pandemia causada pelo novo coronavírus tem causado uma devastação tanto no número de vidas ceifadas quanto na economia global. Os males causados pela ação do vírus são potencializados a partir do momento em que notícias falsas são geradas e compartilhadas, levando as pessoas a tomarem decisões perigosas quanto à sua saúde e à saúde pública.

Procuramos neste estudo responder a seguinte questão norteadora: Como ocorre o organizar das redes de *fake news* em uma rede social a partir de relatos sobre a Covid-19? Mostramos que, a partir de uma postagem inicial reconhecidamente falsa (P1) sobre a cura da Covid-19 em uma rede social aberta, 1080 nós (entre comentários, compartilhamentos e reações) se conectaram formando a primeira rede-de-atores (R1). Em seguida, tomamos um desses nós para investigar a formação de um novo nível da rede (R2), onde esse novo conjunto de comentários, compartilhamentos e reações amplia o alcance da notícia falsa em um crescimento exponencial. Em seguida, replicamos a análise dessa amostragem para observar outros dois níveis da rede (R3 e R4), mostrando que já não era mais possível controlar nem calcular o impacto causado pela *fake news*.

Esperamos que os leitores deste estudo possam transcender nosso objeto de análise, a rede formada em torno desta notícia falsa. A todo momento, novas *fake news* são criadas com ou sem intenções maliciosas, tanto por pessoas de carne e osso quanto por robôs programados para interagir nas redes sociais e defender interesses particulares de pessoas ou grupos específicos. Por múltiplas razões, pessoas compartilham essas informações sem checar sua veracidade e vão dando força à formação de redes em torno das *fake news*, que podem ter impactos imprevisíveis na saúde pública, na economia, na política, no cotidiano das pessoas comuns e em outros circuitos sociais. Transcender o objeto deste estudo é, portanto, um passo importante para a totalidade dos acontecimentos aqui apresentados

e para a construção de um entendimento mais denso acerca formação do tecido social contemporâneo.

Partindo dessa noção, destacamos aqui algumas implicações gerenciais, políticas e teóricas a partir de nossa pesquisa. Dentre as políticas, destacam-se a demora do Estado brasileiro, na promoção e demais ações no combate às notícias falsas sobre questões de saúde pública que colocam em risco toda a população. Outra implicação política é que a tentativa de reforçar a segurança nacional, especialmente em períodos eleitorais que colocam em evidências tentativas de candidatos e partidos em denegrir a imagem de seus adversários. Assim, este estudo pode contribuir no entendimento de como são formadas as redes de *fake news* nas redes sociais e, conseqüentemente, identificar seus idealizadores/organizadores.

Dentre as implicações gerenciais, destacam-se as estratégias a serem analisadas para ampliação das ações de marketing digital considerando a velocidade de divulgação das redes sociais, como interação e articulação com clientes e *stakeholders*; vendas institucionais direcionadas; prospecção direcionada de novos clientes, fornecedores e colaboradores. Dessa forma, as implicações gerenciais poderão resultar no desenvolvimento de novos produtos; maior distribuição e disponibilidade; maior conscientização do consumidor; aumentar o relacionamento com as partes interessadas.

Já do ponto de vista teórico-metodológico, este estudo ajuda a diversificar as formas como as pesquisas em Administração investigam questões-problemas, ao adotar uma lógica processual e relacional ao invés das formas tradicionalmente utilizadas pela epistemologia positivista. Ademais, valemos da Teoria Ator-Rede tanto quanto método de investigação quanto como fundamentação teórica, mostrando a riqueza e o potencial que essa abordagem pode conferir aos estudos de gestão e organizações.

Por não se propor a ser definitivo, algumas indicações de pesquisas futuras podem ser úteis para complementar o presente estudo. Sugerimos, por exemplo, que novas pesquisas busquem investigar como uma *fake news* postada em uma rede social é traduzida em ações práticas dos indivíduos que a leem. Outras pesquisas poderiam explicar como as notícias falsas são produzidas de forma deliberada por organizações empresariais ou políticas para gerar reações específicas nas pessoas, atendendo a interesses espúrios. Sugerimos também estudos que investiguem como o performar dos atores vão construindo as estéticas das redes de *fake news* e seus desdobramentos¹.

Agradecimentos

Formalizamos nossos sinceros agradecimentos aos avaliadores deste manuscrito e à equipe editorial por terem contribuído ativamente para aumentar a qualidade deste trabalho.

¹ Indicamos o livro "Tramas da Rede", organizado por André Parente (2013), especialmente a terceira parte.

Referências

- Alcadipani, R., & Tureta, C. (2009). Teoria Ator-Rede e análise organizacional: contribuições e possibilidades de pesquisas no Brasil. *Revista Organizações & Sociedade*, 16(51), 647-664. <https://doi.org/10.1590/S1984-92302009000400003>
- Alcadipani, R., & Tureta, C. (2009b). Teoria Ator-Rede e estudos críticos em Administração: possibilidades de um diálogo. *Cadernos EBAPE.br*, 7(3) 406-418, <https://doi.org/10.1590/S1679-39512009000300003>
- Azzari, V., & Pelissari, A. S. (2018). Marketing de relacionamento: utilizando o facebook como ferramenta estratégica. *Revista Gestão & Tecnologia*, 18(3), 119-140, Ed. Extraordinária.
- Barbosa, M. L. S., & Santi, V. J. (2019). A intencionalidade nas notícias falsas: a nota de repúdio como estratégia de defesa do jornalismo na era das *fakes news*. *Aturá - Revista Pan-Amazônica de Comunicação*, 3(3), 93-109.
- Batista, F., Crescitelli, E., & Figueiredo, J. C. B. de (2017). O uso de netnografia no estudo do relacionamento de marcas nas redes sociais: um estudo de caso. In: *Simpósio Internacional de Administração e Marketing, 7 e Congresso de Administração da ESPM*, 9.
- Braga, C., & Suarez, M. (2018). Teoria Ator-Rede: novas perspectivas e contribuições para os estudos de consumo. *Cadernos EBAPE.BR*, 16(2), 218-231. <http://dx.doi.org/10.1590/1679-395164275>
- Brandão, C. W. G. da S., Cruz, D. A. C. S., & Rocha, T. B. (2020). *Fake news* em tempos de covid-19: discursos de ódio as redes sociais como ressonância da desinformação. *Revista Internacional Artes de Educar*, 6(N. Especial II), 303-327. <http://dx.doi.org/10.12957/riae.2020.51910>
- Camillis, P.K. de, & Antonello, C. S. (2016). Da translação para o enactar: contribuições da Teoria Ator-Rede para a abordagem processual das organizações. *Cadernos EBAPE.BR*, 14(1). 61-82. <http://dx.doi.org/10.1590/0034-761231412>
- Camillis, P.K., Bignetti, B., & Petrini, M. (2020). Percurso da Teoria Ator-Rede nas pesquisas brasileiras em Administração. *Revista Pensamento Contemporâneo em Administração* 14(4), 93-114. <https://doi.org/10.12712/rpca.v14i4.44341>
- Carrano, P. C. R. (2017). Redes sociais de internet numa escola de ensino médio: entre aprendizagens mútuas e conhecimentos escolares. *Perspectiva*, 35(2), 395-421. <https://doi.org/10.5007/2175-795X.2017v35n2p395>
- Carvalho, G. A. C. L. de, Kanffer, G. G. B. (2020). *O tratamento jurídico das notícias falsas*. Recuperado em: 11 abr. 2020, de <https://www.conjur.com.br/dl/tratamento-juridico-noticias-falsas.pdf>.
- Cavalcante, R. B. et al. (2017). A Teoria Ator-Rede como referencial teórico-metodológico em pesquisas em saúde e enfermagem. *Texto Contexto Enfermagem*, 26(4). <https://doi.org/10.1590/0104-07072017000910017>
- Cavalcanti, M.F.R., & Alcadipani, R. (2013). Organizações como processos e Teoria Ator-Rede: a contribuição de John Law para os estudos organizacionais. *Cadernos EBAPE.br*, 11(4), 556-568. <https://doi.org/10.1590/S1679-39512013000400006>
- Conselho Nacional de Secretários de Saúde (2022). *Painel Nacional: Covid-19*. Recuperado em: 30 jul. 2022, de <https://www.conass.org.br/painelconasscovid19/>

- Costa, P. R. (2020). Uma cartografia do ódio no Facebook: gatilhos, insultos e imitações. *Comunicação Pública*, 15(29), 01-28. <https://doi.org/10.4000/cp.11367>
- Cruz, M. do S. C. da (2020). Redes sociais virtuais: percepção, finalidade e a influência no comportamento dos acadêmicos. *Brazilian Journal of Development*, 6(3), 12433-12446. <https://brazilianjournals.com/ojs/index.php/BRJD/article/view/7681>
- De Paula, L.T., Da Silva, T.R.S., & Blanco, Y.A. (2018). Pós-verdade e fontes de informação: um estudo sobre *fake news*. *Revista Conhecimento em Ação*, 3(1), 93-110. <https://revistas.ufrj.br/index.php/rca/article/view/16764>
- Durepos, G.A.T., & Mills, A.J. (2017) ANTi-History, relationalism and the historic turn in management and organization Studies. *Management and Organization Studies*, 12(1), 53-67. https://www.researchgate.net/publication/314874130_ANTI-History_relationalism_and_the_historic_turn_in_management_and_organization_studies
- Gelfert, A. (2018). *Fake news*: a definition. *Informal Logic*, 38(1), 84–117. <https://doi.org/10.22329/il.v38i1.5068>
- Ipiranga, A. S. R, Chaym, C. D., & Sousa, F. G. P. (2016). Relatos sobre o organizar do sócio-passado em uma patente brasileira de biotecnologia. *Revista Eletrônica de Ciência Administrativa (RECADM)*, 15(2), 133-147. <https://doi.org/10.21529/RECADM.2016010>
- Jurno, A. C., & D'Andrea, C. F. de B. Agenciamentos e redes textuais no Facebook: uma cartografia do *feed* de notícias. Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação. In: – *Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação*, 38, Rio de Janeiro – RJ, 04 a 07/09/2015.
- Kozinets, R. V. (2014). *Netnografia: realizando pesquisa etnográfica online* [recurso eletrônico]. Tradução: Daniel Bueno; revisão técnica: Tatiana Melani Tosi, Raúl Ranauro Javales Júnior. Porto Alegre: Penso.
- Latour, B. (2011). *Ciência em ação: como seguir dentistas e engenheiros sociedade afora*. Tradução de Ivone C. Benedetti; revisão de tradução Jesus de Paula Assis. (2ed). São Paulo: Editora Unesp.
- Latour, B. (2012). *Reagregando o social: uma introdução à Teoria Ator-Rede*. Bauru, São Paulo: Edusc.
- Latour, B. (2013). Redes que a razão desconhece: laboratórios, bibliotecas, coleções. In: Parente, A. (org.) (2013). *Tramas da rede: novas dimensões filosóficas, estéticas e políticas da comunicação*. Porto Alegre: Sulina.
- Latour, B., & Woolgar, S. (1997). *A vida de laboratório: a produção dos fatos científicos*. Rio de Janeiro: Relume Dumará.
- Lemos, A. (2013). Espaço, mídia locativa e teoria ator rede. *Galaxia* (São Paulo, Online), 25, 52-65.
- Marteleto, R. M. (2010). Redes sociais, mediação e apropriação de informações: situando campos, objetos e conceitos na pesquisa em Ciência da Informação. *Revista Telfrac, Pesq. bras. ci. inf.*, 3(1), 27-46.
- Menegatti, M. S *et al.* (2017). Decisão de compras pela internet: uma análise a partir do tempo de utilização de mídias sociais e da interatividade com a marca. *Revista Brasileira de Marketing*, [s.l.], 6(1), 41-54. <https://doi.org/10.5585/remark.v16i1.3353>

- Murro, E.V.B., & Beuren, I.M. (2016). Redes de atores na perícia contábil judicial: uma análise à luz da Teoria Ator-Rede. *Revista Brasileira de Gestão e Negócios*, 18(62), 633-657. <https://doi.org/10.7819/rbgn.v18i62.2743>
- Paschoal, A.C. (2019). Memória coletiva e apagamentos da memória no documentário Ninguém sabe o duro que dei. *Recorte Revista Eletrônica*. 16(1).
- Paz, D. P., & Corona, H. M. P. (2021). A teoria ator rede e as tecnologias educacionais: reflexões sobre a construção coletiva da aprendizagem. *Revista Tecnologia e Sociedade*, 17(49), 16-31. <https://periodicos.utfpr.edu.br/rts/article/view/13852>
- Praude, C. C. (2015). *Arte Computacional e Teoria Ator-Rede: actantes e associações intersubjetivas em cena*. Tese (Doutorado) - Programa de Pós-Graduação em Arte, Instituto de Artes da Universidade de Brasília.
- Praude, C. C. (2016). Teoria ator-rede e arte. *Anais Encontro Internacional de Artes e Tecnologia*, 15. Brasília, Brasil: Universidade de Brasília-DF, pp. 14-21.
- Quadé, P. S. F., & Santos, R. A. (2017). O uso das redes sociais virtuais pela camada jovem e os impactos iniciais na mudança do status quo da realidade contemporânea no Brasil. *Revista Ciência Contemporânea*, 1(1), 115-127.
- Ribeiro, J. A. (2018). *Notícias falsas ou questionáveis compartilhadas em mídias sociais na era da pós-verdade: uma análise do uso da informação científica em postagens sobre vacinas no Facebook*. Brasília.
- Santos, R. S. (2016). *A influência do Instagram na atitude do consumidor: o caso da Levi Strauss & Co*. Dissertação (Mestrado) - Curso de Mestrado em Marketing Digital, Universidade Europeia, Lisboa.
- Santos, V. L. C., & Santos, J. E. (2014). As redes sociais digitais e sua influência na sociedade e educação contemporâneas. *Holos*, [s.l.], 6(30), 307-328. <https://doi.org/10.15628/holos.2014.1936>
- Santos, W. L.; Ferrete, A. A. S. S., & Alves, M. M. S. (2020). A produção do conhecimento sobre facebook e educação no portal de periódicos da CAPES: relatórios de experiências docentes. *Revista Exitus*, 10, 01-28. <https://doi.org/10.24065/2237-9460.2020v10n01D1255>
- Schmidt, S. (2020). *Notícias falsas: a pós-verdade e as redes sociais*. Recuperado em 10 abr. 2020, de <http://www.comciencia.br/noticias-falsas-a-pos-verdade-e-as-redes-sociais/>.
- Schuchard, R., Crooks, A.T., Stefanidis, A. et al.(2019) Bot stamina: examining the influence and staying power of bots in online social networks. *Appl Netw Sci* 4, 55. <https://doi.org/10.1007/s41109-019-0164-x>
- Shimazaki, V. K., & Pinto, M. M. M. (2011). A influência das redes sociais na rotina dos seres humanos. *Fasci-Tech – Periódico Eletrônico da FATEC-São Caetano do Sul*, 1(5), 171-179.
- Siebert, S., & Pereira, I. V. (2020). A pós-verdade como acontecimento discursivo. *Linguagem em (Dis)curso – LemD*, 20(2), 239-249. <https://doi.org/10.1590/1982-4017/200201-00-00>
- Silva, J. B da, & Muniz, A. M. V. (2020). Pandemia do coronavírus no Brasil: impactos no território cearense. *Espaço e Economia Revista Brasileira de Geografia Econômica*, 9(17), 1-19. <https://doi.org/10.4000/espacoeconomia.10501>

- Silva, T. D., & Oliveira, L. D. (2019). O monopólio das verdades na era das *fake news*. *Revista Ratio Juris*, 14(28), 109-126. <https://doi.org/10.24142/raju.v14n28a4>
- Sousa, J. C. de, Siqueira, A. A. da S., Nascimento, A. L., & Silva, F. da. (2020). A influência do Instagram no consumo online: uma investigação em uma IES. *Anais... Congresso Virtual de Administração*, 27, de 01/dez a 05/dez /2020.
- Sousa, J. H., Jr, Raasch, M., Soares, J. C., Ribeiro, L. V. H. A. de S. (2020). Da desinformação ao caos: uma análise das fakes news frente a pandemia do coronavírus (covid-19) no Brasil. *Cadernos de prospecção*, 13(2), Edição Especial, 331-346. <https://doi.org/10.9771/cp.v13i2.35978>
- Souza Filho, L.A., & Lage, D.A.(2021) Entre *fake news* e pós-verdade: as controvérsias sobre vacinas na literatura científica. *Journal of Science Communication* 4(2). <https://doi.org/10.22323/3.04020901>
- Tonelli, D. F. (2016). Origens e afiliações epistemológicas da Teoria Ator-Rede: implicações para a análise organizacional. *Cadernos EBAPE.BR*, 14(2), pp. 377-390.
- Tureta, C., & Alcadipani, R. (2009). O objeto objeto na análise organizacional: a teoria ator-rede como método de análise da participação dos não-humanos no processo organizativo. *Cadernos Ebape. br*, 7, 50-70. <https://doi.org/10.1590/S1679-39512009000100005>
- Tureta, C., Rosa, A. R., & Santos, L. L. da S. (2006). Estratégia como prática social e *actor-network theory*: uma possível conversação para o estudo da estratégia. *Anais Encontro nacional da Associação Nacional dos programas de pós-graduação e Administração (Anpad)*, Salvador.